

POLO DE IMAGEM	DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA HELOÍSA CROCCO
-----------------------	--

Entrevistado Depoimento: Heloisa Crocco	Cidade Rio Grande do Sul	Estado RS	ÁUDIO: XX
EP () São Paulo () SLP()	Direção		Time Code ()Sim (X)Não
Responsável Transcrição Estação História	Data de Transcrição 10 de outubro de 2016		DAT ()Sim (X)Não

00:33 Adélia: e aí Heloisa!

homem: oba! tudo bom?

00:39 Adélia: que delícia estar aqui de novo.

homem: é, coisa boa hein! Entra aí.

00:47 Adélia: design, artesanato e arte são as três áreas de atuação da Heloisa Crocco e frequentemente elas se misturam, se interpenetram tendo como fio condutor uma ligação muito forte com a natureza. Os pensamentos, os conceitos que estão por trás da atuação dela estão materializados na casa ateliê dela em Porto Alegre e ali a gente vê uma total coerência entre obra e vida.

01:13 Heloisa Crocco: então aqui Adélia é minha casa onde eu vivo, eu trabalho também. Eu gosto depois de o dia acontece eu subo, eu tenho uma tranquilidade de pensar o outro dia, ter que ter assim os materiais assim comigo pra entender por onde eu sigo, e junto à essa maravilha que é a vista do rio e essa integração com a natureza, com os passarinhos.

01:49 Eu sou uma artista advinda da arte têxtil. Toda minha formação foi voltada naquele boom da arte têxtil, com as trienais no MAM, com uma...com a (Duchenne?) Nicola e aquilo foi ... agonizando, foi finalizando e eu comecei aquele embate de...com a...pra quem que eu fazia, porque que eu fazia e eu me encontrei com uma amiga e ela me disse: ah essas crises existenciais se cura no mato, na floresta.

02:25 E fomos, o Zanini Caldas fomos eu e ele pra a floresta, um arquiteto que sempre buscava materiais deixados na floresta pra reaproveitar. Nós fomos no ...pra Imperatriz pra uma serraria no quilômetro zero da Transamazônica. Na época eu juntei um caminhão e trouxe cascas, cipós, texturas, aquilo...aquilo tudo quis perto de mim assim mas sem saber pra onde ia meu trabalho.

03:01 O que me interessou realmente foram os anéis de crescimento que tá dentro da árvore, a alma da árvore, o que identifica ela e aí eu comecei uma pesquisa de corte, de encostar aquela...aquele grafismo de um lado e do outro.

03:27 E esse carimbo ele cabe, cada um é um, cada um é um. Então, e ele se tu fizeres, quando tu carimba assim com...se tu carimbar assim ele é uma coisa, agora se tu carimbar assim e virar ele é outro desenho, então ele tem...ele um próprio carimbo ele te oferece muitos desenhos. Aí ele sendo a ideia matricial e os desenhos, se tu ampliáres é outro, se tu reduzíres é outro, se tu botar cor de fundo, se...por isso que eu te digo que é infinito as possibilidades de um ícone e os desdobramentos a partir dele sabe.

04:13 Eu acho que eu tenho mais de 4.000 assim padrões sabe, com distorções, com Xerox, com cor, sem cor, ampliado, reduzido, misturado.

04:25 Eu fiz uma exposição da pesquisa e aí eu queria um nome e achei que era uma metamorfose no topo, no corte em topo e ali...e botei o nome de Topomorfose. Ali eu tive um insight que eu tinha na mão a pesquisa que eu poderia sair aplicando, carimbando, imprimindo no papel, a superfície que aceitasse.

04:59 Pra mim o produto, o meu produto é o todo, ele não é um caderno, não é um lençol, uma louça, ele é o mix, um display com tudo lá dentro.

05:14 Sempre gosto de dizer que este é o produto. Aqui abriga o resultado de toda a pesquisa mas que um tá associado ao outro, tanto que pode estar no sabonete como textura como está na papelaria, como tá no couro. Então, um entendimento maior da pesquisa ela tem que estar agrupada, ela tem que passar o cheiro, a textura. Ela tem que ter uma...uma coisa a mais do que simplesmente o produto; o que me interesse mesmo é vender essa história.

05:46 Uma coisa também que me...que eu tinha paixão era uma proposta de umas gaúchas que moravam em São Paulo, que era Arte Nativa Aplicada. Foi a primeira iniciativa brasileira de trabalhar com a arte nativa, em todas instâncias. Eu tinha verdadeira loucura por aquilo, foi uma das... iniciativas de vender o grafismo foi pra a Arte Nativa Aplicada por que, porque aí ter e eu podia comprar em metro o grafismo assinado.

06:17 Então aqui são umas estampas que nós desenvolvemos com a Arte Nativa Aplicada. Aqui no tear o desenho da madeira formando uma manta, já foi desenvolvida na Manos Del Uruguay, no Uruguay.

06:43 Para a Tok Stok eu trabalhei toda vida também. De dois em dois anos eu lançava uma coleção de louça ou de roupa de cama.

06:55 O que eu acho interessante, que me interessou fazer na época foi tentar botar minha pesquisa em prática aqui. Então tem a roupa de cama que é com a pesquisa louças, se tu tomar um café a gente toma ...com a ...numa louça aplicada e então...eu estou exatamente dentro da Topomorfose.

07:18 Adélia: é uma coisa de coerência absoluta.

07:21 homem: de loucura absoluta,.

07:29 Tenho dois filhos, o Vicente que é o chefe o Vicente Crocco e o Thomaz que é meu filho mais velho que é surfista.

07:42 Thomaz Crocco: esse projeto ele aconteceu naturalmente, surgiu com uma parceria com um amigo que é shaper, o Ogro e junto com a Heloísa um trabalho que ela fala da Topomorfose, o Ogro nos apresentou essa tecnologia de botar a textura nas pranchas e veio essa ideia de fazer uma coleção.

08:04 E a gente desenvolveu com nomes...de sementes e de árvores brasileiras Mulungu, Munbaca, Bacaba, Pachiuba...

08:19 Heloísa Crocco: aqui fora é o pergolado, a cozinha experimental do Vicco que se estende pra um pergolado que ele trabalha com labora...como um laboratório. Tem uma pequena horta e aqui é uma entrada lateral com uns temperos...

08:44 Vico Crocco: isso aqui é uma extensão do Crocco Estúdio, é o estúdio de arte gastronômica aonde eu trabalho com as pesquisas...dentro da arte da culinária. A gente vive aqui praticamente. Eu não moro aqui mas a Heloísa mora aqui, então eu estou sempre aqui, a gente está sempre discutindo coisas novas, as ideias, é uma extensão da vida privada, do dia a dia da gente como profissional e como familiar, como privado.

09:23 O Thomaz botou a Topomorfose nas pranchas, tem uma aí na parede e tem várias outras telas, no tecido, na louça e a gente começou a pensar: e aí, eu vou fazer como agora com a Topomorfose?

09:40 Quer dizer, eu fazer uma...um chocolatinho e maneira comestível, uma Topomorfose comestível...

09:48 Várias brincadeiras com...com...com a pesquisa.

10:15 Heloísa Crocco: eu nasci aqui em Porto Alegre.

10:21 Tenho dois irmãos. Meu pai médico, minha mãe é da fronteira de São Borja.

10:33 E nós tínhamos um sítio, um sítio que chamava (Chacrinha?) que a gente ia todo fim de semana pra lá, que era a coisa...que era a coisa mais linda mesmo. então foi lá que eu acho que eu tive esse convívio importante com a natureza.

10:53 É bonito ser gaúcho sabe, assim ter um pé no campo, um pé no pampa, um pé aqui nessa região gaúcha. Eu tenho orgulho de ser gaúcha.

11:11 Eu fui uma criança muito, muito inquieta, dei muito trabalho. Aconselharam muito a minha mãe a me ocupar porque eu era muito, muito ativa. Assim, tinha uma energia fora do comum, então eles me ocuparam, me colocaram no Centro de Desenvolvimento Expressão que era embaixo do Teatro São Pedro onde os artistas orientavam. Era o Vasco Prado, a Luiza Prado, o Aldo Malagoli, o Iberê também Camargo. Eu frequentava ali todo...as tardes trabalhando com argila, com pintura.

11:51 Eu acho que isso tudo foi me botando na arte.

11:56 Eu tinha que fazer um estágio e aí eu fui fazer na...na dona Elisabeth Rozen...fiquei seis meses e num artesanato de Gramado. Foi uma experiência prática na questão do tear e comecei a trabalhar a arte têxtil. Fizemos uma grande exposição junto com alguns artistas do Uruguai no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e aí que eu tive a grande crise assim sobre um embate, porque quando eu convidei as pessoas pra irem na exposição, muitas pessoas me perguntavam onde era o museu sabe. E eu comecei aquele conflito de entendimento da não alfabetização pra a arte que nós temos. Nós não temos. Então, pra quem eu fazia, comecei...então comecei assim achar que eu que devia ir pra onde o povo está, então eu fui fazer essa linha de design.

13:06 Adélia: a base do trabalho dos designers está na capacidade do olhar. Isso vem em primeiro lugar sempre. E em Heloísa Crocco isso é especialmente verdadeiro. Foi a observar com muita atenção os veios dos troncos das árvores que ela chegou ao projeto Topomorfose e depois ela levou essa ideia de achar uma matriz, uma ideia matricial e a partir daí desenvolver os projetos pra o campo da colaboração entre designers e artesãos.

13:39 José Alberto Nemer – artista plástico: no final dos anos 80 eu estava dirigindo um festival de inverno de Ouro Preto de Artes Plásticas, e eu então resolvi criar algumas oficinas assim fora da... da... dos parâmetros tradicionais digamos das artes plásticas: pintura, desenho, gravura e etc. e eu pensei tendo uma experiência até empírica do meu corpo a corpo com Ouro Preto, eu comecei a perceber que lá o artesanato tava muito cansado. Tinha ali um ambiente propício pra fazer uma renovação, uma tentativa de renovação daquele artesanato. Convidei então a Heloísa Crocco pra dirigir essa oficina e ela então fez essa oficina a partir de motivos de Ouro Preto, que eles iam pinçando pela cidade e tal. A partir de uma iconografia levantada pela própria paisagem de Ouro Preto.

14:43 Adélia: a experiência em Ouro Preto foi o momento seminal dos projetos de revitalização do artesanato brasileiro. A partir dessa experiência o grupo foi pra outros estados, outros países e num determinado momento resolveu sistematizar a sua metodologia, sistematizar o seu conhecimento de forma que essa aproximação seja respeitosa em relação aos artesãos, em relação as tradições locais e não impositiva como muitas vezes se faz.

15:14 José Alberto Nemer – artista plástico: nós acabamos criando o Projeto Piracema. Uma tentativa de fazer uma...uma aproximação entre o designer e o artesão, entre o designer e o artesanato.

TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA HELOÍSA CROCCO}

15:30 Marcelo Drummond – artista gráfico: o meu trabalho é um pouco dentro do laboratório Piracema de Design. é sempre coordenar a parte de identidade visual desde a parte da criação do nome da coleção até a parte de desenvolvimento do logotipo e dos aplicativos gráficos assim tags, embalagens, brindes, catálogos que a gente sempre desenvolve. Por exemplo o caso do Babaçu que trabalhou com o coco de Babaçu, com as quebradeiras do coco do Babaçu em que eu desenvolvi toda a identidade visual, o símbolo a partir do corte dessas lâminas do coco de Babaçu.

16:15 Heloísa Crocco: lá no Marajó que a gente fez um trabalho importantíssimo na Ilha do Marajó, nós tínhamos a cerâmica Marajoara. A cerâmica ela não precisa ter aquele excesso de desenho marajoara. Se nós trabalharmos a depuração mas deixando na cerâmica uma gênese que remeta ao Marajó tá ótimo. Nós estamos vivendo hoje no século XXI tu entendeste.

16:43 Marcelo Drummond – artista gráfico: a coleção Marajó nós tomamos como base toda a parte da iconografia marajoara. Esse é um trabalho feito por uma artesã, um trabalho muito interessante em que ela a partir como...de uma simples Gillette ela vai descascando e criando essa espécie de vocabulário gráfico, desses grafismos e nós tomamos isso como referência pra poder criar a identidade visual. E a partir daí aplicamos então nos tags, nos selos, nas embalagens, no catálogo.

17:18 Heloísa Crocco: Inhamus fica lá na fronteira do Ceará com o Piauí. Inhamus tem 800 mulheres que fazem crochê, todo mundo fazendo...o resultado do curso que foi lá vender a linha. Nunca pensaram em olhar pra a flor do cactus, pra o bicho que eles tem. O nosso papel tem sido chegar na cidade, circular com eles, olhar aquela arquitetura essencial que eles tem das fachadas daquela região e trazer aquilo pra o produto.

18:08 Adélia: Heloísa Crocco vem desenvolvendo projetos na Colômbia desde a década de 1980 e a Colômbia é um dos países que melhor resolveu essa questão da revitalização do artesanato. Eles fizeram um programa deliberado pra tirar os camponeses do cultivo de coca e transformar o artesanato numa fonte importante de renda pra largas faixas da população. A Heloísa tem trabalhado muito com isso e desenvolvendo projetos na Colômbia e especialmente na área têxtil.

18:39 Heloísa tem atuado também como curadora de exposições e de feiras.

18:51 homem: pra a última convite que eu recebi foi pra fazer a curadoria do produto do índio pra a feira que ia acontecer paralela aos Jogos Olímpicos Indígenas em Palmas.

19:09 Então eu passei seis meses visitando, eu queria só produto de origem, o produto tradicional.

19:18 Trabalhamos com algumas etnias Javaés, Xerentes, Kraós. Um trabalho interessante.

19:32 Frequentar uma reserva indígena, entrar na reserva indígena é uma experiência.

19:44 A gente fica fascinado de naquele lugar inóspito porque ele é muito essencial, ele não tem nada...ver aquelas verdadeiras maravilhas feitas por eles, com aqueles tingimentos de jequitibá, de urucum, aquelas cuias roxas, aqueles punhos que são umas belezas e muito, muito obsessivos com acabamento. É lindíssimo o acabamento, é uma verdadeira joia o produto indígena. Foi uma experiência ímpar pra...pra esse percurso que eu venho fazendo referente ao artesanato.

20:31 A partir dessa vivência e de entender que a cultura indígena é do índio, eu fiquei muito movida a trabalhar com a referência indígena, com a iconografia indígena assim a cor, a textura. Então quando eu voltei pra o ateliê eu fiz uma série de objetos assim que remetem a cor do urucum, a forma do colar indígena, do cocar sem ser o que o índio faz.

21:08 Adélia: o mesmo processo criativo usado no desenvolvimento dos projetos de design, a Heloísa usa também ao fazer peças totalmente desvinculadas de uma ideia de utilização pelas pessoas.

21:26 Heloísa Crocco: a arte, essa questão do reaproveitamento tem isso dentro de mim de um jeito assim, ele não tá isolado até de reaproveitar um desavinho, uma bola que tá dentro da geladeira. É uma coisa assim muito...muito doida.

21:45 Eu fico pensando que vendo a minha mãe, a minha mãe desmanchando os... as fatiotas do meu pai e botando moldes assim, fazendo casacos pra a gente. então ela sempre reaproveitou tudo, ela costurava e nos...ela que fazia as nossas roupas assim... Talvez isso... e ficou em mim de um jeito que eu gosto de reaproveitar. Então assim nasceu o meu trabalho com a madeira. Eu trabalho com as aparas das cercas que são exportadas pra os Estados Unidos e a pontinha, o americano não quis então elas sobram, elas ou vão pra o fogo ou vem pra cá...

22:46 A pesquisa ela é constante na hora da criação. Então as vezes eu pinto totalmente, as vezes elas viram um pequeno fungo, uma cor diferente que eu queria... comecei a pintar toda. E muitas vezes eu comecei também (tolrar?) retalhinho do lado e aí nasceu a coleção Brasileira que ela tem um frescor assim de brasilidade bem interessante.

23:14 Ela tem um efeito modificador enorme, o efeito de colocação da apara na colagem sabe, então se tu analisares a série Aparas ela tem desdobramento infinitos aí.

23:32 Ele decola mesmo com uma boa iluminação. Como a apara ela é uma apara, ela não é feita mecanicamente ela tem uma pequena sutileza de diferença de tamanho. Conforme for colocada, se eu intensifico de um lado, se eu

TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA HELOÍSA CROCCO} 3

não intensifico de outro, se eu boto uma cor mais vibrante ou também...aquilo com a luz ela... e a sombra ela toma...

24:03 Luís Fernando Veríssimo - escritor: é, atrás de um trabalho da Heloísa é que é uma coisa muito moderna, é quase um jogo sempre o que ela faz e ao mesmo tempo ela trata com matéria prima, matéria prima mais antiga mais nobre que existe que é a madeira e então acho que essa...essa combinação do moderno com o tradicional, com o antigo, com a madeira é o que tem de mais atraente no trabalho dela...além de ser uma amiga. Além da gente admirar ela muito também temos uma amizade bastante forte, bastante boa.

24:47 Heloísa Crocco: Ultimamente eu estou mais trabalhando com as cercas do pampa, que são os piques, os aramados. O que que tá acontecendo com o Rio Grande do Sul, o campo ele tá sendo vendido. Então essas reflorestadoras de eucalipto remarcam o campo novamente com as mudas, então...e as cercas que ...existentes que as tramas elas são deixadas no campo. Então eu vi essas madeiras lá que é toda do início do século, não são madeiras de manejo madeiras...são madeiras nobres mesmo.

25:30 Eu quis ser artista desde pequena e eles não queriam em casa assim, e aí olha...tá aí, consegui. Tá aqui olha. (pausa) **(final do programa).**

25:49 Créditos Finais